



Uma abordagem da carnavalização em *memes* políticos

Francilene Leite Cavalcante

IFAL/UNICAP

<https://orcid.org/0000-0002-5127-3426>

francilene.cavalcante@ifal.edu.br

Dóris de Arruda C. da Cunha

UNICAP/UFPE

<https://orcid.org/0000-0001-5349-2887>

doris.cunha@unicap.br

Roberta Varginha Ramos Caiado

UNICAP/UFPE

<https://orcid.org/0000-0002-4444-774X>

roberta.caiado@unicap.br

RESUMO

Este artigo analisa a carnavalização (Bakhtin 1996, 2018) em *memes* políticos que circulam na *internet*. Partimos da hipótese de que o gênero escolhido se caracteriza pela inversão da “lógica natural” dos objetos, pela representação “ao avesso” de fatos da “vida oficial” e pelo riso carnavalesco. A fundamentação teórico-metodológica é encontrada em Bakhtin (1996, 2016, 2018), Medviédev (2019) e Volóchinov (2013, 2017). O material a ser analisado neste trabalho é um recorte constituído de quatro *memes* coletados no Facebook, entre os anos de 2019 e 2020. Examinamos a relação entre a linguagem da praça pública carnavalesca e a utilizada nos *memes*; o processo de carnavalização e o tipo de riso presente nos *memes*. Os resultados mostram que os *memes* políticos fazem uso de formas não polidas de dizer, de questionamentos que sinalizam para o rebaixamento do outro, pela crítica ou pelo deboche, despertando o riso dos internautas que partilham o posicionamento crítico do criador do *meme*.

PALAVRAS-CHAVE: Dialogismo; Carnavalização; Riso; *Memes*; Facebook.

An approach to carnivalization in political memes

ABSTRACT

This article analyzes the carnivalization (Bakhtin 1996, 2018) in political memes that circulate on the internet. It starts from the hypothesis that the chosen genre is characterized by the inversion of the “natural logic” of the objects, by the “upside down” representation of facts from “official life” and by the carnivalesque laughter. The theoretical-methodological basis is found in Bakhtin (1996, 2016, 2018), Medvedev (2019) and Voloshinov (2013, 2017). The material to be used in this study consists of four memes collected on Facebook, between 2019 and 2020. The article examines the relationship between the language of the public square carnival and that used in memes; the process of carnivalization and the type of laughter present in the memes. The results show that political memes make use of unpolished ways of saying, of questioning that signal the lowering of



the other, through criticism or debauchery, stirring the laughter of internet users who share the same critical position of the creator of the meme.

KEYWORDS: Dialogism; Carnivalization; Laughter; Memes; Facebook.

1. CONCENTRAÇÃO¹: à guisa de introdução

Ao refletirmos acerca das noções de carnaval e carnavalização elaboradas por Bakhtin (1996, 2018), a partir das obras de Dostoiévski e de Rabelais, tivemos o cuidado de abordar esses complexos conceitos do estudioso russo, levando em consideração o difícil contexto político no qual ele vivia, uma U.R.S.S. sob o rigoroso e repressivo regime totalitário stalinista (1927-1953), que realizava implacável perseguição aos seus opositores.

Em razão dessa conjuntura política, Bakhtin só obteve uma maior visibilidade nos estudos da linguagem e da literatura a partir da década de 1960, época em que estudantes descobriram a existência do livro *Problemas da obra de Dostoiévski*, que depois foi revisto e publicado como *Problemas na Poética de Dostoiévski*. Mas isso não quer dizer que o pensador russo não teve uma intensa e movimentada vida intelectual, como mostram diversos pesquisadores².

No Brasil, vigora uma forma de governo “aparentemente” democrática, em que o povo elege livremente seus representantes, mas o governo persegue, processa e encarcera seus adversários políticos, apesar de, no discurso, defender a “liberdade”. Na realidade, o país passa por tempos difíceis sob o comando de um presidente que se posiciona como conservador de direita, como mostra a obra *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*, organizado por Esther Solano Gallego, que tem como foco central o avanço, nos cenários nacional e internacional, dos movimentos de direita, o surgimento e a manutenção do regime de ódio e intolerância dentro do cenário político.

Nesse sentido, falamos de um mundo oficial que se baseia em uma ideologia que apregoa retrocessos como a negação da ciência e da pesquisa; a disseminação de uma retórica agressiva contra as universidades públicas; a limitação de padrões religiosos e sociais; e a intolerância à existência de consciências plurais, sem respeitar as demais ideologias do cotidiano e da cultura popular, além de uma perseguição a reitores de Universidades e Institutos Federais³, professores,

¹ Os títulos das seções deste trabalho fazem alusão aos desfiles de escolas de samba que ocorrem durante o período de carnaval no Brasil.

² Entre eles, citamos Clark e Holquist (2008); Faraco (2009); François (2014); Sériot (2015); Brait (2016); Renfrew (2017); Brait; Pistori e Francelino (2019); Grillo (2019), entre outros.

³ Citamos o relatório internacional elaborado por um grupo de pesquisadores brasileiros e publicado em setembro/2020 pelo instituto GPPi (*Global Public Policy Institute*), baseado em Berlim. O referido relatório aponta, dentre outras coisas, a tentativa de o governo reduzir a autonomia das universidades e a sua liberdade acadêmica ao modo de escolha dos reitores, pois cabe ao presidente da República nomeá-los a partir de uma lista tríplex elaborada por cada comunidade acadêmica. Desde o final dos anos 1990, os presidentes em exercício nomeiam o primeiro dessa lista, a fim de respeitar a vontade das universidades e institutos. Essa tradição foi rompida pelo atual governo que, dos 25 reitores indicados até o momento, 14 não eram os primeiros colocados da lista, segundo levantamento feito pela Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes). Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/relatório-aponta-sério-risco-à-liberdade-acadêmica-no-brasil/a-54993042>>. Acesso em: 21 set. 2020.

cientistas, agentes de segurança,⁴ artistas, jornalistas e comediantes que fazem sátira das mais diversas situações do dia a dia.

Nesse contexto, “novos” gêneros circulam no meio digital como contradiscursos a esse cenário contemporâneo provocando o riso e suscitando reflexões críticas. Estamos nos referindo aos *memes* que circulam com fluidez nas redes sociais e são constituídos na forma verbo-visual⁵, comentando fatos do momento em que são criados. Eles têm propósito de criticar, ora com postura cômica, ora sarcástica e de escárnio, os sujeitos das esferas política e da comunicação.

No presente estudo, tomamos os *memes* como parte de um mundo “não oficial”, que se utiliza de uma liberdade legitimada para criticar, zombar, escarnecer na gigantesca “praça pública” – a esfera digital –, que é o palco central onde o “público” – usuários de redes sociais – pode contemplar “os desfiles” – os *memes* que circulam nas redes – que por ali passarem. Quando alguém elabora, curte, publica, repassa adiante ou auxilia na viralização de determinado *meme*, ele realiza um ato, uma tomada de posição valorativa, que é inseparável do tom emotivo-volitivo e do sentido deste ato (BAKHTIN, 2020). Quando nos referimos ao ato em sua singularidade concreta, não podemos perder de vista as atuais práticas sociais que ocorrem no mundo virtual e se materializam em gêneros discursivos (BAKHTIN, 2016).

Sabemos que os gêneros literários foram objeto das reflexões de Bakhtin. O filósofo russo estudou a polifonia de Dostoiévski do ponto de vista da *história*⁶ dos gêneros, remontando à Antiguidade e ao campo do sério-cômico com sua cosmovisão carnavalesca, bem como a influência determinante trazida pelo carnaval nas obras de Dostoiévski e de Rabelais. Trata-se da linguagem carnalizada que cria formas concreto-sensoriais simbólicas e sofre um processo de transposição para os gêneros literários cômicos. Consideramos que as noções que envolvem a carnavalização podem ser usadas para analisar os *memes* de teor político, como veremos mais adiante.

Nosso objeto de estudo não é abordado como se fosse a primeira vez em que é tratado, pois não somos os primeiros e nem os últimos a falar sobre ele. Tal objeto já foi avaliado de diferentes modos, por diferentes sujeitos, em diferentes tempos e espaços. Nesse mesmo objeto habitam a convergência e a divergência de distintos pontos de vista⁷. Portanto, não seremos aqui o “Adão mítico” (BAKHTIN, 2016, p. 61), que relaciona objetos novos a nomes ainda não escolhidos, na tentativa de nomeá-los pela primeira vez.

Destarte, esta pesquisa não foi construída a partir de uma única consciência, de forma objetificada, mas dialogicamente com várias consciências, onde o todo da interação entre as várias consciências confirma que elas não se converteram em objeto uma da outra. Acrescente-se que, o trabalho em si, mesmo após a última palavra dita, tem um acabamento apenas composicional,

⁴ Mencionamos a ação sigilosa do governo sobre um grupo de 579 servidores públicos federais e estaduais críticos ao atual governo de Jair Messias Bolsonaro, identificados como integrantes do “movimento antifascismo”, que resultou no dossiê elaborado pelo Ministério da Justiça em junho de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2020/07/24/ministerio-justica-governo-bolsonaro-antifascistas.htm>>. Acesso em: 21 set. 2020.

⁵ Os termos verbo-visual ou verbo-visualidade mencionados neste artigo, têm como referências os estudos da linguista Brait (2013), no artigo *Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica*.

⁶ Grifo do autor.

⁷ A noção de ponto de vista, essencial para a interpretação do funcionamento dos discursos, na perspectiva dialógica, é discutida em Cunha (2012, 2019).

pois dialoga com discursos já existentes e com outros por vir. Ele não poderá, de modo algum, fechar-se, esgotar-se em si mesmo para que não se torne monológico, um objeto pronto e acabado (BAKHTIN, 2020).

Este trabalho estrutura-se da seguinte forma: após a introdução, a seção 2 traz um breve apanhado sobre a cultura carnavalesca e a carnavalização na literatura. Em seguida, são apresentados o vocabulário da praça pública e o riso carnavalizado. Na sequência, o encaminhamento metodológico traz uma breve justificativa das escolhas e das diretrizes tomadas para a realização desse estudo. Dando continuidade, foram realizadas as análises do material selecionado e a discussão dos resultados, e, por fim, seguem as considerações finais.

2. COMISSÃO DE FRENTE: a cultura carnavalesca e a carnavalização na literatura

A concepção bakhtiniana de carnaval é apresentada como uma cultura ambivalente – pois traz a ideia de morte e ressurreição, de alternância, de renovação – que não podem estar dissociadas do carnaval, uma vez que constituem aspectos próprios da festa. O carnaval na Idade Média foi abordado como um “espetáculo ritual”, uma vida desviada de sua ordem habitual, uma “vida às avessas”, um “mundo invertido” (BAKHTIN, 2018), uma revogação de tudo o que era oficial. Nessa festa, coroam-se marginalizados, excluídos, baderneiros (mundo não oficial) e destrona-se a monarquia (mundo oficial). Tudo aquilo que é determinado pela desigualdade social, hierárquica ou qualquer outro tipo de desigualdade entre os homens é suspenso, perde seu efeito, sua validade.

Em consequência das revogações de todas as leis e eliminação provisória das restrições estabelecidas no mundo oficial, criava-se, em praça pública, determinado tipo de comunicação, inaceitável em situações em que as leis e as regras estavam em vigor. Estamos falando da elaboração de gestos e de um vocabulário sem correntes com o mundo oficial, ou seja, sem quaisquer obrigações com tal mundo, com sua etiqueta e decência. Bakhtin vai explicar essa influência da linguagem do carnaval exercida sobre a literatura, em especial, sobre a perspectiva do gênero. Nas palavras dele,

O carnaval criou toda uma linguagem de formas concreto-sensoriais simbólicas [...]. Essa linguagem exprime de maneira diversificada e bem articulada (como toda linguagem) uma cosmovisão carnavalesca una (porém complexa), que lhe penetra todas as formas. Tal linguagem [...] é suscetível de certa transposição para a linguagem [...] da literatura. É a essa transposição do carnaval para a linguagem da literatura que chamamos *carnavalização da literatura* (BAKHTIN, 2018, p. 139-140, grifo do autor).

A partir do momento em que entra em vigor o carnaval, apagam-se as regras e evidenciam-se as categorias da cosmovisão carnavalesca. Bakhtin (2018) estabelece quatro categorias:

- (i) “Livre contato familiar entre os homens”: aborda a eliminação do distanciamento entre as pessoas em razão das barreiras hierárquicas, até então, intransponíveis. É através dela que se estabelece a livre gesticulação carnavalesca e o aberto discurso carnavalesco.

- (ii) “Excentricidade”: permite a libertação do comportamento dos homens em relação ao poder de qualquer posição hierárquica que os regia na vida oficial, motivação pela qual as atitudes se tornam extravagantes e inconvenientes.
- (iii) “*Mésalliances* carnavalescas”: aproximação das contradições, combinando o sagrado com o profano, o elevado com o baixo, o grande com o insignificante, o sábio com o tolo.
- (iv) “Profanação”: associa-se com a força produtora da terra e do corpo, bem como estabelece a parodização carnavalesca dos textos sagrados e sentenças bíblicas.

As categorias mencionadas representam não apenas a ideia, mas a própria vida vivida em praça pública. Não se trata de contemplar ou representar o carnaval, mas vivê-lo a partir da saída de um mundo sério, de regras perenes, para um mundo extraoficial, ou seja, “o carnaval não era uma forma artística de espetáculo teatral, mas uma forma concreta (embora provisória) da própria vida, que não era simplesmente representada no palco, antes, pelo contrário, vivida enquanto durava o carnaval” (BAKHTIN, 1996, p. 6).

Não podemos mencionar essa festa, que dá o aval à carne, sem nos reportarmos ao núcleo da cosmovisão carnavalesca que paira na coroação bufa e no posterior destronamento do rei do carnaval. No dizer do filósofo russo,

A coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação, a alegre relatividade de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição (hierárquica). Na coroação já está contida a ideia do futuro destronamento; ela é ambivalente desde o começo. (BAKHTIN, 2018, p. 142)

A ambivalência biunívoca consiste na correspondência entre duas ideias que estão imbricadas por seu valor simbólico. Trata-se do momento em que há a coroação do “oposto” rei da vida oficial – bobo marginalizado, baderneiros – e a ideia nela contida do futuro destronamento ao final do carnaval. Esse rito biunívoco somente ocorre na revogação das leis do mundo oficial, o que garante uma liberdade legitimada no mundo extraoficial.

É esse mundo extraoficial que vai influenciar, sobremaneira, a linguagem na literatura (e, podemos acrescentar, de outra prática discursiva), a partir de um vocabulário que não era utilizável em outro lugar que não fosse a praça pública. É o que veremos na próxima seção.

3. SAMBA-ENREDO: o vocabulário da praça pública e o riso carnavalizado

A linguagem carnavalesca é um dos aspectos de resistência e ruptura com tudo que é oficial, pois dela emergem as paródias e as ironias que são expressamente características do vocabulário utilizado na praça pública. É imprescindível, porém, perceber que a literatura é inseparável da cultura, “procurando interpretar os fenômenos literários na unidade diferenciada de toda cultura de uma época” (BAKHTIN, 2017, p. 13). Por isso, faz-se necessário mergulhar nesses aspectos culturais e munir-se de informações com o objetivo de melhor analisar e entender determinado objeto de estudo.



Os estudos bakhtinianos levam a perceber que o carnaval é a mais explícita representação dos excluídos e marginalizados da sociedade medieval, que se utilizam de uma liberdade utópica – onde podem se misturar com as demais pessoas e ocupar os papéis que, no mundo oficial, jamais ocupariam –, de forma efêmera e transitória –, pois quando o carnaval acaba, cada uma volta ao seu lugar de origem.

Essa total “liberdade” transitória era concedida a fim de que todos viessem a se entregar a todo e qualquer tipo de atividade, bem como à livre produção de expressões verbais – grosserias, juramentos e obscenidades sem qualquer embargo. Afinal, “a espontaneidade referida está longe de ser por si só uma força transformadora, pois o povo ainda vivia, nos demais dias do ano, submetido aos fantasmas das proibições, do medo e do sofrimento” (BERNARDI, 2016, p. 85).

A linguagem familiar, que se liga ao grotesco, “termo usado por Bakhtin para englobar a visão do corpo que enfatiza as mudanças na natureza por meio do comer, da evacuação, do sexo, como opostas ao ideal estático representado nos mármores gregos clássicos” (CLARK e HOLQUIST, 2008, p. 318), refere-se à forma de entrar em comunhão com o “baixo corporal” – ventre, intestino, órgãos genitais.

Durante o carnaval, aconteciam ações corriqueiras, típicas do realismo grotesco, como irrigar com urina ou jogar excrementos, ações essas que foram praticadas pelos personagens de *Gargântua e Pantagruel*⁸. Ainda na mesma obra, Rabelais utiliza outra expressão: “merda para ele”, que Bakhtin interpreta como uma degradação, pois a expressão remete ao rebaixamento corporal, aos órgãos genitais, e, ao mesmo tempo, traz a imagem de nascimento e de renovação. Para o leitor contemporâneo, a compreensão dessa imagem talvez seja uma das mais difíceis, tendo em vista que pode ser interpretada apenas no sentido fisiológico e, portanto, depreciativo.

Todavia, é imprescindível notar que Bakhtin “chama a atenção para o fato de que, à época medieval e do Renascimento, o excremento, além do lado negativo, remetia, na sua ambiguidade, à terra e ao corpo do homem” (BERNARDI, 2016, p. 86). Em outras palavras, a referência que se faz ao ventre do homem e ao da terra ganha sentido ambivalente, ou seja, um lado positivo e renovador – de fecundidade –, além do lado depreciativo e fisiológico que a imagem traz. Nas palavras de Clark e Holquist,

Um elemento primário no carnaval, afirma Bakhtin, é a “livre entremescla de corpos”, a exibição desavergonhada de funções corpóreas, inclusive a defecação, a cópula e até o trabalho de parto e o nascimento, e a livre interação entre o corpo e o mundo exterior, em atos como a ingestão e a expulsão de alimentos (2008, p. 325).

Segundo os autores, essas imagens refletem degradações e remetem ao rebaixamento corporal. A linguagem segue a mesma lógica. Trata-se aqui dos juramentos, das grosserias, das imprecações, das injúrias, das obscenidades, que ocorriam dentro dos limites temporais que davam a devida licença para ocorrerem. Enfim, toda e qualquer expressão vocabular proferida nos dias de festa e feira tinha posse de um duplo sentido, pois “o vocabulário grotesco da praça pública

⁸ Uma das obras de Rabelais analisada por Bakhtin em *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

[...] estava orientado para o mundo e para cada fenômeno desse mundo em estado de perpétua metamorfose, de passagem de noite a dia, de inverno a primavera, do velho ao novo, da morte ao nascimento” (BAKHTIN, 1996, p. 142).

Em sua obra, Rabelais se recusa a utilizar o latim, língua literária oficial e faz a opção pelo vernáculo da língua vulgar para descrever a praça pública e o que nela acontecia. Em *Gargântua e Pantagruel*, seus personagens vivem num mundo carnavalizado, e a utilização de um vocabulário “baixo” e sem restrições a comportamentos educados e polidos reafirmam o realismo grotesco, expresso por Bakhtin. O tempo todo Rabelais “carnavaliza a própria linguagem e, ao assim proceder, ‘descoroa’ a autoridade que as ideologias oficiais procuram reivindicar para si mesmas” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 332).

Não é sem propósitos que Bakhtin exalta o corpo humano. Além de teorizar sobre esse corpo na obra de Rabelais, ele vai se recusar a homogeneizar sua superfície frente ao puritanismo da sociedade stalinista. No entanto,

a cultura oficial encara tais funções corporais como indecentes e tenta negar ao corpo seus maravilhosos orifícios e protusões, quer pôr um fim à jubilosa celebração do corpo e da vida [...] o corpo é uma metáfora comum para o Estado, e as sociedades xenofóbicas que estão procurando controlar o comportamento de seus cidadãos e preservá-lo de contatos externos, amiúde, sublinham a ideia de conservar o corpo puro. Ela foi por certo acentuada sob o domínio de Stálin (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 325-326).

Segundo os autores, fica evidente que o realce dado por Bakhtin ao corpo humano vai além da teorização em Rabelais, pois num momento em que há uma crescente opressão, Bakhtin fala de liberdade. Num momento em que se mandava olhar mais para o alto e inferiorizar o corpo, ele exalta o corpo e chama a atenção para o “baixo corporal”. No momento em que havia uma cultura oficial com cânones obrigatórios e consagrados na literatura, ele coloca em evidência uma literatura que se utiliza de linguagem de estrato social inferior, ou seja, da linguagem popular.

Dessa forma, o filósofo russo apresenta uma alegoria a partir da ambiguidade e de uma linguagem metaforizada. O riso carnavalesco também possui características próprias e faz parte do mundo não oficial. Próprio da praça pública, revela a universalidade da cultura popular.

Ao abordar o riso carnavalesco ou festivo e popular, Bakhtin vai trazer a ideia de que, na medida em que todos riem, inclusive os próprios burladores, estamos diante do riso carnavalizado, que é considerado “patrimônio do povo”, “universal” e “ambivalente”,

O riso carnavalesco é em primeiro lugar patrimônio *do povo* (esse caráter popular, como dissemos, é inerente à própria natureza do carnaval); *todos riem*, o riso é “geral”; em segundo lugar, é *universal*, atinge a todas as coisas e pessoas (inclusive as que participam do carnaval), o mundo inteiro parece cômico e é percebido e considerado no seu aspecto jocoso, no seu alegre relativismo; por último, o riso é *ambivalente*: alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente. (BAKHTIN, 1996, p. 10, grifo do autor)

⁹ Um bom exemplo desse estilo literário rabelesiano é o momento quando o jovem Gargântua é descrito explicando a seu pai que encontrou, após longas experiências, o melhor limpa-cus que existe, qualificando-o como “o mais senhoral, o mais excelente, o mais expediente que já se viu.”

Para o pensador russo, o riso carnavalesco rabelesiano é portador dessas características e isso confirma que “Rabelais foi o grande porta-voz do riso carnavalesco popular na literatura mundial” (BAKHTIN, 1996, p. 11). No entanto, quando estes burladores se excluem do objeto de zombaria e se opõem a ele trazendo um humor negativo, quebram o teor cômico do mundo. Vejamos:

O autor satírico que apenas emprega o humor negativo, coloca-se fora do objeto aludido e opõe-se a ele; isso destrói a integridade do aspecto cômico do mundo, e então o risível (negativo) torna-se um fenômeno particular. Ao contrário, o riso popular ambivalente expressa uma opinião sobre o mundo em plena evolução no qual são incluídos os que riem. (BAKHTIN, 1996, p. 11)

Esse riso popular rabelesiano, do qual fala o estudioso, precisa ser alocado aqui de forma conveniente, para não cairmos na inadequação daqueles que tentam engessar esse riso na literatura cômica moderna, fazendo sua sátira de fora desse mundo em evolução, pois “uma sátira estreitamente enfocada, destinada a ferir um alvo específico, não é parte da cultura do riso” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 320).

Nas redes sociais, o riso satírico está presente nos *memes* de teor político que se utilizam de enunciados verbo-visuais e, às vezes, de uma linguagem metafórica, orientada à construção de um enredo próprio, com uso de referências da cultura popular a partir da vivência, do ponto de vista de quem o produz, bem como do tipo de destinatário que ele pretende alcançar.

Para tanto, necessário se faz organizar os caminhos que devem ser trilhados a partir do ângulo vislumbrado pelo chamado Círculo de Bakhtin, que vai de encontro a um modelo analítico em que a teoria preceda o objeto de análise, de maneira a apenas aplicá-la. Esses caminhos fazem parte de uma proposta humanizadora que permite ao pesquisador a flexibilidade exploratória do seu objeto de estudo. É o que abordaremos na próxima seção.

4. EVOLUÇÃO E HARMONIA: encaminhamento metodológico

Nesta seção, apresentamos alguns passos traçados e escolhas realizadas. Medviédev (2019, p. 49) afirma que “todos os atos individuais participantes da criação ideológica são apenas os momentos inseparáveis dessa comunicação [social] e são seus componentes dependentes, e, por isso, não podem ser estudados fora do processo social que os compreende com um todo”. Ou seja, qualquer ato que decorre de um processo ideológico, não deve ser avaliado através da ótica de procedimentos rígidos e formais, mas sim, sob o ângulo cuidadoso e sensível do pesquisador que se coloca em diálogo constante com o objeto pesquisado. Essa perspectiva vai ao encontro do esquema traçado por Volóchinov (2017, p. 158) “que nos serve como guia na investigação dessa unidade real da linguagem que chamamos de *enunciação*”: 1. Organização agrícola da sociedade; 2. Intercâmbio comunicativo social; 3. Interação verbal; 4. Enunciações; e, 5. Formas gramaticais da língua.

Dessa forma, contextualizamos a pesquisa na perspectiva dialógica da linguagem, onde o gênero *meme* de internet, de teor político, é observado segundo a situação da enunciação e do

auditório, o tipo de intercâmbio comunicativo social; os tipos de interação verbal representadas entre os participantes; as relações dialógicas entre eles, as noções que envolvem a carnavalização da linguagem da praça pública carnavalesca e o tipo de riso presente.

Nessa perspectiva, optamos por reunir um conjunto de quatro *memes* publicados no Facebook, no período pós-eleitoral à presidência da República, entre os anos de 2019 e 2020, que seguiram os critérios de abordarem assuntos polêmicos referentes ao governo e de dialogarem entre si (a cada dois *memes*) em relação à situação da enunciação tratada. Partimos da hipótese de que o gênero escolhido se caracteriza pela inversão da “lógica natural” dos objetos, pela apresentação “ao avesso” de fatos da “vida oficial”, e pelo riso carnavalesco.

Quanto à escolha pela rede social Facebook, ela não se deu por acaso. Um relatório¹⁰ produzido pela *We Are Social e Hootsuite* mostra que, apesar dos comentários de que esta rede estaria na iminência de sua estagnação e posterior extinção, ela se mantém no topo do *ranking*, recebendo o título de rede social mais popular do mundo, com 2,85 bilhões de contas ativas, sendo 130 milhões delas brasileiras. Além de ser versátil, a rede abrange várias funcionalidades em um único lugar, dentre elas: a divulgação de negócios; o conhecimento e aproximação de pessoas; a relação com amigos, colegas de profissão e pessoas da família, bem como um meio para se informar e se divertir com os *memes* divulgados na rede. É sob esse ângulo que nos propomos, na seção a seguir, a realizar as análises dos *memes* selecionados.

5. ABRAM ALAS: uma análise dos *memes* de teor político

Deparamo-nos diariamente com os gêneros que emergem e circulam no meio digital. Eles apresentam características sociocomunicativas determinadas por constituições funcionais, objetivos enunciativos expressos e estilos claramente existentes e definidos com a incorporação da influência histórico-social, isso porque “o gênero do discurso não é uma forma da língua, mas uma forma típica do enunciado; como tal forma, o gênero inclui certa expressão típica que lhe é inerente” (BAKHTIN, 2016, p. 52).

Corroborando as ideias de Bakhtin, consideramos que o *meme* de internet, de teor político, é um gênero que se inscreve em um processo sociocultural e axiológico, em que enunciados verbo-visuais e relativamente estáveis ressignificam intencionalmente uma ideia inicial, em determinado intercâmbio comunicativo político, de forma a fazer uma crítica e/ou trazer uma situação cômica, sarcástica e até de escárnio dos sujeitos do meio político para sua replicação no meio digital.

Para que possamos compreender esse gênero discursivo, é preciso entender primeiro a situação da enunciação. Ou seja, o contexto imediato em que se deu cada acontecimento representado nos *memes*¹¹.

¹⁰ Disponível em: <<https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2021-july-global-statshot-report-v02>> Acesso em: 26 jun 2021.

¹¹ Mencionamos que, por se tratar de um gênero cuja origem é de difícil recuperação, os *memes* analisados foram retirados das páginas de usuários do Facebook e fazem parte do nosso acervo pessoal.

Vejam os *memes* 1 e 2¹². Os *memes* retomam imagens do encontro do presidente Bolsonaro com o presidente da Rússia, Vladimir Putin – ladeados por figuras de grande importância para seus países – no Japão, dia 29 de junho de 2019, em um encontro do BRICS¹³, após os constantes ataques à Venezuela e o reconhecimento por Bolsonaro da legitimidade do líder opositor e autoproclamado presidente Juan Guaidó. É uma publicação, como a dos demais *memes* selecionados, cujo auditório é um público que compartilha a crítica feita ao presidente brasileiro pelo autor criador do *meme*.

Não é segredo para ninguém que há, entre Rússia e Venezuela, uma relação de proximidade no que se refere à cooperação econômica e militar. Bolsonaro admitiu ter mudado seu discurso durante esse encontro, para não “polemizar” com o presidente russo. Na verdade, em seu discurso já pronto, ele tinha a intenção de fazer um apelo aos integrantes do bloco para que apoiassem o líder opositor da Venezuela, Juan Guaidó, até então comandada por Nicolás Maduro.

No *meme* 1, temos as formas verbo-visuais que representam, de maneira carnavalizada, o “novo super-herói brasileiro”, em tom irônico, através da imagem que registra um olhar firme, sério, quase mal-humorado de Putin, de quem parece estar numa posição de superioridade em direção a Bolsonaro, enquanto este desvia o olhar daquele, como se não tivesse coragem de encará-lo, numa posição de submissão, de inferioridade, de rebaixamento diante do mais forte, o presidente Putin. O interessante é que todos que estão em volta parecem ser espectadores de um encontro aguardado e colocam seus olhares em direção ao “capitão” com o objetivo de ver sua reação. A carnavalização do “novo super-herói brasileiro” às avessas, chamado de “mito” e de “capitão” por seus seguidores, é admitida com o nome dado ao herói: “capitão cagão”, que simboliza fraqueza, acovardamento e temor frente a uma real situação vivida e/ou problema real apresentado.

O *meme* 2, dialogando com o anterior, apesar de trazer a mesma imagem e a mesma situação de enunciação, apresenta diferentes enunciados. Diante do olhar fulminante de Putin e de um suposto questionamento, “Você disse ‘Venezuela?’”, a imagem do primeiro quadro retrata novamente as mesmas impressões causadas pelo *meme* 1. Em suposta resposta, Bolsonaro afirma “Não, disse: eu sou um zé ruela”, uma negação que representa o caráter pusilânime do presidente brasileiro, diante de um chefe altivo de uma grande potência. O *meme* cria um enunciado com um jogo de palavras “eu sou zé ruela”, que do ponto de vista sonoro se assemelha a “Venezuela”.

¹² O *meme* 1 foi originalmente publicado em: [https://fb.watch/a-PFFv18Pv/](https://scontent.frec5-1.fna.fbcdn.net/v/t39.30808-6/272962715_56903660-20990605_4595328675434143633_n.jpg?_nc_cat=104&ccb=1-5&_nc_sid=dbeb18&_nc_eui2=AeFF4jENtxNp10PO-gKjxUMrs6NS4DoLrgNzo1LgOguuA3HYc0PKtZfq73xCnGEN7nDkP1X-Gf00IspafAVPzg4Vr&_nc_ohc=LAi1CgJftzAAX9EA1xp&_nc_pt=1&_nc_ht=scontent.frec5-1.fna&oh=00_AT8liAHJqKUM68Wny13yR80Kg2SWJ033Us_UCIR7UmP4EA&oe=62048EA3>”, como comentário à postagem disponível em: <

No momento, está disponível em: <https://64.media.tumblr.com/eee0a1dfada2daf05d3282d161273e8f/b6f87d66745e254f-8a/s500x750/587be9ecac32fb21b63156b0cdf354f0c14441e2.jpg>

O *meme* 2 está disponível em: <https://twitter.com/milenaM67/status/1169689197621534720/photo/1>.

¹³ O BRICS é o agrupamento formado por cinco grandes países emergentes - Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul - que, juntos, representam cerca de 42% da população, 23% do PIB, 30% do território e 18% do comércio mundial. Disponível em: <<http://brics2019.itamaraty.gov.br/sobre-o-brics/o-que-e-o-brics4f>>. Acesso em 30 jun. 2020.

Nesse contexto, a expressão “zé ruela” é um termo pejorativo que traz o sentido de alguém que não tem atitude, incapaz de esboçar solução para problemas e que se sente desconfortável com deveres que demandam responsabilidade. Visualizamos ainda, no quadro 2 do *meme* 2, o olhar de preocupação do filho do presidente, Eduardo Bolsonaro – o 03, como é chamado pelo pai – seguido do enunciado “Pai, desmaia...”, com a intenção de tirar o pai daquela situação constrangedora.

O componente verbal do *meme* 1 traz a linguagem ligada às degradações e ao rebaixamento corporal. Os enunciados apresentados seguem o mesmo processo, materializam o vocabulário da imensa “praça pública” com a devida “licença” para se propagar, já que ali se admitem os insultos, as obscenidades e qualquer expressão vocabular grotesca, típicos do ambiente carnavalesco. Transformar o presidente da República em “capitão cagão” e “zé ruela” é, antes de mais nada, rebaixá-lo, destroná-lo, é a descoroação da autoridade que as ideologias oficiais procuram reivindicar para si mesmas.

Vejam os *memes* 3 e 4.¹⁴ Os *memes* 3 e 4 circularam nas redes sociais dias depois que uma reportagem da revista *Crusoe* (07/08/2020) revelou o esquema das rachadinhas na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) envolvendo o Senador Flávio Bolsonaro (PL – RJ), quando era deputado estadual no Rio de Janeiro. Seu ex-assessor, Fabrício Queiroz, foi apontado como operador do esquema após divulgação de relatório do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) que detalhou movimentação suspeita em sua conta. O ex-assessor realizou depósitos na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro, entre os anos de 2011 e 2016 no valor total de oitenta e nove mil reais. Esses fatos causaram muita polêmica e desencadearam uma explosão de *memes* com críticas e questionamentos ao presidente sobre tais depósitos.

O *meme* 3 retoma a reportagem realizada pela TV Anhanguera sobre os servidores da Assembleia Legislativa de Goiás (Alego) que foram flagrados batendo ponto eletrônico e indo embora logo em seguida. A assessora, flagrada durante três dias, registrava a presença na Alego, no entanto, ia embora sem trabalhar. Ao ser questionada sobre o porquê da ação realizada diariamente, ela nega e, em seguida, sai correndo e a repórter fica sem resposta. O *meme* subverte essa situação, agora com a imagem do rosto de Bolsonaro, e questiona o porquê de sua esposa ter recebido oitenta e nove mil reais em sua conta, depositado, de maneira aparentemente ilegal, por Queiroz. Sem respostas e numa posição de fuga, o *meme* mostra o presidente correndo, a fim de não fazer nenhum tipo de declaração ao questionamento.

É importante lembrar que, nesse momento discursivo, a *hashtag* “#porquemichellebolsonarorecebeu89mildoqueiroz?” viralizou nas redes sociais. Sendo publicada pelos mais diversos usuários das redes, incluindo artistas, intelectuais, políticos, milhares de pessoas nas redes sociais questionavam o motivo pelo qual a primeira dama recebeu esse valor em sua conta, o que,

¹⁴ O *meme* 4 foi originalmente publicado em: https://scontent.frec5-1.fna.fbcdn.net/v/t39.30808-6/272962715_56903660-20990605_4595328675434143633_n.jpg?_nc_cat=104&ccb=1-5&_nc_sid=dbeb18&_nc_eui2=AeFF4jEntxNp10PO-gKjxUMrs6NS4DoLrgNzo1LgOguuA3HYcOPKtZfq73xCnGEN7nDkP1X-Gf00IsparfAVPzg4Vr&_nc_ohc=LAi1CgJftzAAX9EA1xp&_nc_pt=1&_nc_ht=scontent.frec5-1.fna&oh=00_AT8liAHJqKUM68Wny13yR80Kg2SWJO33Us_UCIR7Ump4EA&oe=62048EA3, como comentário à postagem disponível em: <https://fb.watch/a-PFFv18Pv/>.

No momento está disponível em: <https://pbs.twimg.com/media/FNBnkBoWUAAXaXL?format=jpg&name=240x240>



até o momento (janeiro de 2022), encontra-se sem respostas. Na realidade, trata-se de uma cobrança de explicação, tendo em vista que o depositante já era acusado de diversos crimes (relação com milicianos, relação com o esquema da rachadinha na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro – ALERJ, peculato, lavagem de dinheiro e organização criminosa, entre outros¹⁵).

O *meme* 4 aborda a mesma situação de enunciação do *meme* 3, porém agora retoma e modifica a pergunta destinada diretamente a Jair Bolsonaro: “O Queiroz pode depositar uma grana na minha conta? Ou é só pra Michele?”. A imagem de um presidente bondoso, ajoelhado, abraçando uma senhora idosa pobre representa uma inversão do posicionamento de Bolsonaro, dos filhos e do governo em relação aos pobres do país, pois no ano de 2019, em comparação a 2018, o Governo ofereceu 66% menos novos benefícios aos mais vulneráveis, segundo o jornal *El País*. Entre julho e outubro de 2019 - último mês com dados oficiais sobre as novas concessões -, a quantidade de novas famílias beneficiadas no programa caiu consideravelmente. A partir do segundo semestre do ano, a média de novas concessões, que antes era em torno de 220.000 famílias por mês, despencou a menos de 10.000. Nunca houve, na história do programa, um ano com tantos meses com menos de 10.000 novos benefícios concedidos como em 2019.¹⁶

Além disso, no mundo real, o presidente da República desqualifica a imprensa com atitudes grosseiras, ameaças e palavras violentas. Lembremos o que ocorreu no dia 23 de agosto de 2020, quando o presidente Jair Bolsonaro não gostou de ser questionado sobre os cheques depositados pelo ex-assessor Fabrício Queiroz, na conta de sua esposa e fez ameaça ao jornalista. Inicialmente, Bolsonaro disse que não iria responder, depois falou o seguinte aos repórteres: “Eu vou encher a boca desse cara na porrada”. Em seguida, ele faz o seguinte complemento, diretamente ao jornalista que o questionou: “Minha vontade é encher tua boca na porrada”¹⁷. O leitor entende, de imediato, que o enunciado “ingênuo” da idosa, associado à imagem, é uma crítica debochada, nada velada, ao presidente Bolsonaro, que não havia dado explicações convincentes sobre os depósitos na conta de Michelle Bolsonaro.

A liberdade legitimada na “praça pública” contemporânea – redes sociais – permite esse tipo de manifestação popular fluida nos *memes*¹⁸, que, carregados de sarcasmo, representam o mundo não oficial, o que evidencia o processo de carnavalização como movimento de subversão do “mundo oficial”. Esse mundo é “inteiramente permeado pelos tons emotivos-volitivos da validade de valores assumidos como tais” (BAKHTIN, 2020, p. 47), ou seja, os *memes* expressam os valores assumidos pelos seus autores e partilhados por parte da oposição ao presidente da República.

¹⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/06/20/interna_politica,865375/os-crimes-de-fabricio-queiroz.shtml> Acesso em: 14 jul. 2020.

¹⁶ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-31/governo-bolsonaro-nao-explica-tamanho-real-da-fila-do-bolsa-familia.html>>. Acesso em 30 set. 2020.

¹⁷ Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/08/23/bolsonaro-ameaca-jornalista-minha-vontade-e-encher-tua-boca-na-porrada.ghtml>>. Acesso em 30 set. 2020.

¹⁸ Ver trabalho de Cavalcante (2021), que analisa *memes* políticos de páginas progressistas e conservadoras, sob o fenômeno da Carnavalização.

Como vivemos um momento de polarização política no Brasil, os seguidores do presidente Bolsonaro respondem dialogicamente nas redes sociais com críticas e ataques aos que compartilham esses tipos de *memes*, respostas carregadas do tom emotivo-volitivo de ódio e vingança dos bolsonaristas.

6. APURAÇÃO: Considerações finais

As análises dos *memes* selecionados permitem dizer que noções elaboradas por Bakhtin sobre a cultura cômica popular, principalmente sobre a cultura carnavalesca, a partir da prosa literária, são contribuições valiosas não só para a teoria da literatura, mas também para a análise de outros gêneros de qualquer época.

O gênero *meme* de *internet* de teor político faz uso de uma linguagem menos polida, realizando questionamentos que contextualizam situações enunciativas vexatórias, em tons emotivo-volitivos que levam para o rebaixamento do outro, a crítica, o deboche, o escárnio, despertando o riso dos que se posicionam favoravelmente ao tema neles abordado e contra o presidente. Isso faz com que essas novas formas verbo-visuais sejam carnavalizadas.

Certamente, a pesquisa que desenvolveremos com um *corpus* mais amplo evidenciará outras peculiaridades resultantes da adoção da cosmovisão carnavalesca e possibilitará ampliar a interpretação do riso nos *memes* de teor político.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. de Yara Frateschi Vieira. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BERNARDI, Rosse Marye. Rabelais e a sensação carnavalesca do mundo. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. 1. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRAIT, Beth. Problemas da poética de Dostoiévski e estudos da linguagem. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e polifonia**. 1. ed. 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2016.
- BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 8, n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/16568>> Acesso em: 06 set. 2020.



BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELINO, Pedro Farias (Orgs.) **Linguagem e conhecimento**: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev. Campinas: Pontes Editores, 2019.

CAVALCANTE, Francilene Leite. As relações dialógicas nos memes: como a carnavalização e o riso contam a história política no Brasil de 2019. *In*: CAIADO, Roberta; LEFFA, Wilson. (Orgs.) **Linguagem**: tecnologia e ensino. Campinas – SP: Pontes Editores, 2021, p. 236-259.

CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Linguagem, diálogo, ponto de vista, interpretação: uma leitura de artigos de opinião. *In*: BRAIT, B.; PISTORI, M. H. C.; FRANCELINO, P. F. (Orgs.) **Linguagem e conhecimento**: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev. Campinas: Pontes Editores, 2019.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. Reflexões sobre o ponto de vista e a construção discursiva de comentários de leitores na web. **Investigações, Linguística e Teoria Literária**, Vol. 25, p. 21-41, 2012. Disponível em <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/INV/article/view/338/283>> Acesso em: 06 set. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo**: ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRANCOIS, Frédéric. Bakhtin completamente nu. **Bakhtiniana**, Rev. Estud. Discurso, São Paulo, v. 9, n. spe, p. 47-172, jul. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732014000300004&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 21 ago. 2020.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. O retrato de Mikhail Bakhtin em sua mais recente biografia russa (2017). *In*: BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELINO, Pedro Farias (Orgs.). **Linguagem e conhecimento**: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev. Campinas: Pontes ditores, 2019. p. 15-42.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2019.

MIGUEL, Luis Felipe. et al. **O ódio como política**: a reinvenção da direita no Brasil. Esther Solano Gallego (Org.). São Paulo: Boitempo, 2018.

RENFREW, Alastair. **Mikhail Bakhtin**. Trad. Marcos Marciolino. São Paulo: Parábola, 2017.

RABELAIS, François. **Gargântua e Pantagruel**. Trad. Davi Jardim Júnior. Belo Horizonte: Itatiaia, 2003.

SÉRIOT, Patrick. **Vološinov e a filosofia da linguagem**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e a filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin. A construção da enunciação. *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A construção da enunciação e outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.